

Pedrosa-Pádua, Lúcia

Liberdade e amor : o caminho místico de Santa Teresa

V Jornadas Diálogos: Literatura, Estética y Teología, 2013
Facultad de Filosofía y Letras - UCA

Este documento está disponible en la Biblioteca Digital de la Universidad Católica Argentina, repositorio institucional desarrollado por la Biblioteca Central "San Benito Abad". Su objetivo es difundir y preservar la producción intelectual de la Institución.

La Biblioteca posee la autorización del autor para su divulgación en línea.

Cómo citar el documento:

Pedrosa-Pádua, Lúcia. "Liberdade e amor : o caminho místico de Santa Teresa" [en línea]. Jornadas Diálogos : Literatura, Estética y Teología. La libertad del Espíritu, V, 17-19 septiembre 2013. Universidad Católica Argentina. Facultad de Filosofía y Letras, Buenos Aires. Disponible en:
<http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/liberdade-amor-caminho-mistico.pdf> [Fecha de consulta:]

Liberdade e amor: o caminho místico de Santa Teresa

Lúcia Pedrosa-Pádua¹

Liberdade e amor se integram na mística de Santa Teresa de Jesus. Esta integração se dá como um processo, realizado ao longo de sua existência. Trata-se de um caminho vivido, experienciado. Além disso, a integração entre liberdade e amor é também uma proposta que a grande mística de Ávila faz aos leitores das suas obras. No presente estudo, apresentaremos aspectos deste caminhar teresiano, antecédidos de uma reflexão esclarecedora da inter-relação entre liberdade e amor na teologia judeu-cristã.

1. Liberdade e amor: necessária inter-relação teológica

Descobrir a subjetividade e a autonomia foi a experiência básica que animou e vertebrou a modernidade. Nesta experiência, o indivíduo se percebeu como sujeito dotado de razão e “dono de si”, capaz de estabelecer seus próprios objetivos e normas, pelos quais decidir, escolher e viver². Na experiência pós-moderna, a subjetividade agregou outro valor, a afetividade, que tende a ser mais valorizada que a racionalidade³. Nossos centros urbanos são fortemente marcados pela experiência e busca desta subjetividade.

A experiência judeu-cristã está na gênese desta valorização da subjetividade e da autonomia, pois viu, no ser religioso, alguém chamado a se desenvolver como sujeito livre.⁴ E esta liberdade é associada à capacidade de amor. Nesta visão de mundo, a

¹ **Lúcia Pedrosa-Pádua** é professora de Teologia da PUC-Rio, nas áreas de antropologia, mística e espiritualidade. Graduiu-se em Teologia pela FAJE-Faculdade Jesuíta, de Belo Horizonte (Brasil). Doutora em Teologia pela PUC-Rio, com estudos no Centro Internacional Teresiano-Sanjuanista de Ávila (CITEs). Bacharel em Economia pela UFMG. Membro da Comissão Assessora Permanente do CNLB- Conselho Nacional do Laicato do Brasil. Coordenadora do Ataendi-Centro de Espiritualidade Teresiana. Autora de diversas publicações na área de mística e antropologia, entre elas a org. com M. B. Campos, *Santa Teresa. Mística para o nosso tempo* (São Paulo/Rio de Janeiro: Reflexão/PUC-Rio, 2011). E-mail: lpedrosa@puc-rio.br.

² Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Creo en Dios Padre: El Dios de Jesús como afirmación plena del hombre*. Santander: Sal Terrae, 1986, p. 18 (edição em português: *Creio em Deus Pai: O Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. São Paulo: Paulus, 1993).

³ Cf. a síntese de A. GARCIA RUBIO. “Sou feliz sozinho? A importância do outro na minha vida”. In: GARCIA RUBIO, Alfonso – AMADO, Joel Portella. *Espiritualidade cristã em tempos de mudança: contribuições teológico-pastorais*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 80.

⁴ Cf. GARCIA RUBIO, Alfonso. *Elementos de Antropologia Teológica*. Salvação cristã: salvos de quê e para quê? Petrópolis: Vozes, 2004, p. 109-115; *Unidade na pluralidade*. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2006, p. 307-313 e o capítulo “Sou feliz sozinho?...”, já citado em nota anterior, p. 75-95.

humanização se dá quando a subjetividade é construída em abertura fundamental, ela é chamada a ser uma *subjetividade aberta*. Ao contrário, a subjetividade vivida no fechamento em si mesma – *subjetividade fechada* – será vista como desumanizante. O sujeito constitui-se como pessoa quando se torna *ele mesmo* nas suas *relações*, numa complexidade que envolve a articulação de duas dimensões básicas da pessoa humana: a *interiorização* ou *imanência* e a *abertura* ou *transcendência*.

Na construção da interioridade, a *liberdade* aparece como uma das linhas-mestras que darão ao sujeito consistência⁵, ao lado da *autopossessão* – afirmação da pessoa, que não é propriedade de ninguém – e da *autofinalidade* – a pessoa não é instrumento, mas tem em si mesma a sua própria finalidade. A *liberdade* é descrita como a capacidade de fazer opções, escolher valores por si mesma e decidir. Porque há liberdade, é possível assumir a responsabilidade do que foi decidido e da opção feita.

A interiorização é um acontecimento, um processo, um dinamismo. Por isso, é possível dizer que ela é uma relação da pessoa consigo própria⁶. Há níveis mais superficiais e outros mais profundos e verdadeiros nesta relação consigo mesmo.

Já no século XVI, Santa Teresa de Ávila observava esta realidade dinâmica na interioridade humana, advogando a necessidade de se empreender um caminho de interiorização ou, em suas palavras, de entrada no *castelo interior* através da oração e consideração. Para ela, “há grande diferença entre os modos de estar num mesmo lugar”⁷, pois muitas pessoas permanecem ao redor do “castelo”, ou seja, de si mesmas, e assim se alienam de um *autoconhecimento* que é ao mesmo um conhecimento de Deus. Mas esta consciência de si não quer dizer controle do dinamismo, pois ele se dá mais como uma aventura, na qual não se sabe exatamente aonde se chegará. Desta forma, podem acontecer diversos níveis de encontro consigo próprio, desde os mais superficiais aos mais profundos e libertadores. Nos níveis mais profundos, a liberdade é vivida com mais intensidade, ao mesmo tempo em que é potencializada a capacidade de amor.

A dimensão de interioridade, ou imanência, separada da já mencionada dimensão de abertura, ou transcendência, pode cair no fechamento com consequente isolamento. Para a tradição judeu-cristã, a pessoa só pode ser verdadeiramente ela mesma *nas* suas relações. Não se trata de dois planos justapostos, eles se articulam

⁵ Cf. GARCIA RUBIO. *Unidade na pluralidade*. p. 307-309.

⁶ Cf. GARCIA RUBIO. “Sou feliz sozinho?...”, p. 75-95.

⁷ SANTA TERESA DE JESUS. *Castelo Interior ou Moradas*, 1 Morada, cap.1, número 5. In. *Obras Completas*. São Paulo: Loyola/Carmelitanas, 1995, p. 443.

simultaneamente. A pessoa é chamada a *ser ela mesma* no autotranscendimento, na *abertura de si*. A dimensão de abertura abrange diversos níveis de relação, além da mencionada relação consigo própria: a abertura ao mundo, aos outros e a Deus.⁸ A experiência teresiana ilustra e ilumina esta complexidade, como veremos: quanto mais livre (“senhora de si”), mais interligada às necessidades do mundo e dos demais. Liberdade e amor se unem.

Pela *abertura ao mundo*, a pessoa se percebe mais pertencente à “teia da vida”, para utilizarmos a conhecida expressão de F. Capra⁹. Vê-se unida a todas as outras criaturas numa comunhão fundamental. Ao mesmo tempo, experimenta-se mais instada a trabalhar o mundo para transformá-lo em morada digna de todos. Pela *abertura aos outros*¹⁰, são articulados o encontro interpessoal (eu-tu) e as relações ao nível sociopolítico, que implicam um compromisso macro-estrutural. Na *abertura a Deus*, descobre-se o “fundo e fundamento do Ser”¹¹ enquanto ser relacional. Este, por sua vez, se descobre como intrinsecamente relacionado a Deus e capaz de abertura a ele. O desejo de Deus (cf. Salmo 63 [62], 2) manifesta esta estreita relação.

A relação entre o encontrar a Deus e o encontrar-se a si mesmo só é possível numa experiência de Deus não dominadora, que deixa espaço para a liberdade pessoal. A mística cristã em muito contribuiu para a afirmação da liberdade encontrada em Deus, que a teologia, especialmente a atual, tanto enfatiza.¹² O Deus revelado em Jesus Cristo nada tem de dominador, não impõe normas ou ações a partir de fora de nós e não substitui a liberdade e a responsabilidade humanas. Ao contrário, ele conduz a pessoa ao fundo e ao íntimo de si mesma, onde ela encontra seu ser mais autêntico e livre.

2. O caminho de Teresa de Jesus

Místicos como Santa Teresa demonstraram a relação entre encontrar a Deus e encontrar-se a si mesmo e aos irmãos. Esta relação está muito bem descrita em sua obra *Castelo Interior ou Moradas*. Mas é no *Livro da Vida*¹³ que vemos emergir a liberdade

⁸ Cf. GARCIA RUBIO. *Unidade na pluralidade*, p. 309-317.

⁹ CAPRA, F. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1996.

¹⁰ Cf. GARCIA RUBIO. *Unidade na pluralidade*, p. 311.

¹¹ TORRES QUEIRUGA. Op. cit., p. 43, referindo a uma expressão de P. Tillich.

¹² Remeto ao meu estudo: *Evolucionismo e espiritualidade: contribuições da mística para uma revisão da imagem de Deus*, na obra: GARCIA RUBIO, A. e AMADO, J. P. *Fé cristã e pensamento evolucionista*. Aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 221-253.

¹³ Utilizaremos aqui: *Livro da Vida*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 1983. Quando o livro for citado, indicaremos apenas a abreviatura V, o capítulo e numeração do capítulo correspondentes, sempre da mesma edição.

como poderosa linha de força da espiritualidade vivida por Santa Teresa. Este é o livro que seguiremos de perto. A grande mística de Ávila bem reflete o seu tempo, o início da era moderna, em que a consciência da subjetividade e da autonomia adquire especial importância no ambiente cultural. O *Livro da Vida*, pelo simples fato de ser autobiográfico, já revela este acontecimento da emergência da subjetividade. A importância deste testemunho teresiano se projeta no terreno da teologia, da espiritualidade, da filosofia e da literatura. Neste livro, é possível acompanhar o processo de crescimento da liberdade na vida de Teresa, e o que ela ensina sobre a liberdade

Na vida de Teresa de Ávila vemos uma passagem substancial da desconfiança com relação à liberdade a uma existência em alto grau de liberdade, que chega a perder o medo da morte. Expande-se, em seu interior, a *liberdade de espírito*, enquanto dom e conquista primordial, que possibilita esta passagem. Veremos, a seguir, alguns momentos deste desenvolvimento.

3. Da desconfiança com relação à liberdade a uma existência em liberdade

Sabemos como a jovem Teresa, carmelita no convento da Encarnação, em Ávila, encontrou um sistema de vida em que as irmãs de sua ordem religiosa tinham possibilidades de ir e vir, uma liberdade exterior. Ela mesma nos conta de suas viagens e visitas na primeira etapa de sua vida, e como “as religiosas observantes podiam sem culpa aproveitar da liberdade” (V 7,3).

Ao escrever o *Livro da Vida*, já com cinquenta anos e com considerável experiência, pessoal e de vida em comunidade, avaliará que aquela liberdade de sair e visitar pessoas, para ela, que se considerava “tão ruim”, significara grande risco e poderia tê-la levado por caminhos, em suas palavras, “do inferno”. Houve, no entanto, contrapontos que lhe resultaram mais fortes do que aquela possibilidade sombria, e que lhe marcaram outro caminho. Tais circunstâncias favoráveis são descritas por ela como “tantos meios, remédios e particulares dons” (V 7,3). Em um estudo de *Vida* podemos identificar estas mediações: pessoas que a ajudaram, meios proporcionados pela vida religiosa como tal e, especialmente, o seu despertar interno, a vida mística.

Nesta avaliação do contexto do início de sua vida religiosa, Teresa vai deixando claro como a liberdade envolve possibilidades que não são determinadas apenas por circunstâncias externas. Estas podem até ser adversas. A liberdade é uma aventura mais

profunda, de discernimento e construção da vida através de relações múltiplas. Dentre elas, a experiência de Deus, ou vida mística, situa-se como fundamental.

A desconfiança em relação à liberdade, entendida como circunstâncias externas que podem colocar em risco a vida de uma pessoa, é substituída por outra noção de liberdade, altamente positiva: a de viver desapeadamente com relação a si mesmo e ao mundo das coisas, o que possibilita amar melhor as pessoas, a si mesma e a Deus, mesmo em difíceis circunstâncias. Esta existência em desapego – livre – é fruto da mística.

Quando Teresa se vê presa nas armadilhas das preocupações excessivas, das cobranças de uma imagem positiva, das manipulações afetivas e do medo de agir, ela vai recorrer à memória de sua experiência expansiva e libertadora de Cristo: “Basta lembrar um pouquinho este Senhor para recuperar minha liberdade” (V 37,4).

4. A pedagogia teresiana da experiência de Deus: integrar *liberdade de espírito*, determinação e alegria

É a *liberdade de espírito* uma condição necessária para o amadurecimento de uma liberdade profunda. Ela aparece, neste processo, como disposição, necessária desde o início da vida espiritual, gerando uma transformação humano-espiritual. A novidade é que Teresa une a *liberdade de espírito* a outras duas disposições, a determinação e a alegria: “importa muito começar com esta liberdade e determinação” (V 11,15); “os principiantes procurem andar com alegria e liberdade de espírito” (V 13,1).

É no momento da oração que a inter-relação entre *liberdade de espírito*, determinação e alegria adquire consistência. Juntas, elas constituem a melhor disposição interna para quem deseja a experiência de Deus, a vida mística, ou a vida de oração.

Destas três, a que ficou mais famosa foi a “determinação”, por ser insistentemente repetida por Teresa e por ter sido expressa de maneira saborosa em outra obra, o *Caminho de Perfeição*, no capítulo 21.¹⁴ Nele, Teresa afirmará que a oração exige “uma grande e muito *determinada determinação*”. Sem dúvida, a determinação é privilegiada por Teresa, no sentido de garantir que a oração pessoal, definida como “trato de amizade com quem sabemos que nos ama” (V 8,5), seja de fato uma realidade na vida da pessoa. Mas seria um reducionismo não articular a determinação com a liberdade e a alegria.

¹⁴ SANTA TERESA DE JESUS. *Caminho de Perfeição*. In. *Obras Completas*. São Paulo: Loyola/Carmelitanas, 1995. Itálico da autora deste texto.

A determinação não pode ser reduzida ao voluntarismo que se fecha ao discernimento, às circunstâncias, à observação do momento, à adequação da prática da oração ao próprio ser pessoal. O voluntarismo se apegava à rigidez da fórmula, da letra, das normas e do dever. Não se compagina com a gratuidade de Deus, com a oxigenação do espírito que é dada pelo próprio Espírito de Deus. O Espírito exige consciência da liberdade interna. E a própria oração, como trato de amizade – portanto diálogo –, exige liberdade, senão não seria diálogo mas imposição. Na *liberdade de espírito* está a possibilidade de discernimento. Teresa aponta para uma necessária confiança em si mesmo para decidir o que se deve fazer na oração. E isto, desde o início da vida de oração.

A *liberdade de espírito* será importante para a integração entre corpo e alma. Indo de encontro a fórmulas de oração que desvinculavam alma e corpo, Teresa vai afirmar que “nossa alma participa das misérias do corpo”. Às suas leitoras, especialmente a mulheres, afirmará, compreensivamente, que “as mudanças de tempo e as variações dos humores” (V 11,15) fazem muitas vezes que a pessoa não possa realizar o que quer, e nisso não há culpa. Não é preciso julgar, violentar-se e atormentar-se se a oração não é realizada como se deseja. Escutando o corpo, Teresa convida à liberdade em se definir a hora e a forma da oração.

Observemos este conselho em que se convida ao discernimento, em que a liberdade e a determinação se unem para encontrar a melhor forma de integrar corpo e alma: “é bom nem sempre deixar a oração quando o intelecto está muito distraído e perturbado, e nem sempre atormentar a alma obrigando-a ao que está acima de suas forças” (V 11,16). Na mesma linha, vai afirmar liberdade e determinação quando diz:

há outras ocupações de obras de caridade e leitura de bons livros [caso não seja possível a oração], ainda que por vezes nem isto seja possível. Sujeite-se então a servir o corpo, por amor de Deus, para que ele muitas outras vezes sirva à alma. Tome alguns passatempos santos de conversações virtuosas, ou vá ao campo (V 11,16).

E continua: “Em tudo se serve a Deus. Suave é o seu jugo” (V 11,16).

Na vida mística, é a *liberdade de espírito* que dará serenidade diante das dificuldades na oração, que são as securas, inquietações ou distração nos pensamentos. Um bom conselho teresiano é o de que a pessoa que quiser adquirir *liberdade de espírito* não deve se espantar com as dificuldades, com a cruz. É preciso viver com confiança para poder entender que é possível tirar proveito de tudo, mesmo das adversidades.

A oração deve ser simples, não identificada com uma superconcentração mental. Para Teresa, “a devoção não fugirá se houver um pouquinho de descuido”. E continua dizendo que “há ocasiões em que é lícito espairecer um pouco, mesmo para tornar depois às orações com mais fervor”. E conclui: “em tudo é preciso discernimento” (V 13,1). Sem a *liberdade do espírito* não há discernimento, apenas cumprimento das regras.

Não é difícil perceber que a *liberdade de espírito* e a alegria se unem. A alegria adquire profundidade espiritual e, ao mesmo tempo, torna mais fácil o caminho e rápido o caminhar. A determinação teresiana não é voluntarismo e nem tristeza.

Enfim, andar com alegria, determinação e *liberdade de espírito* – esta é a tríade basilar do dinamismo da oração, apresentada a partir do capítulo 11 do *Livro da Vida*. Com elas, há ao mesmo tempo firmeza e flexibilidade, permanência numa prática e abertura à novidade de Deus, construção e capacidade de reconstrução. Processos pessoais e comunitários são postos em marcha com consistência flexível e fidelidade criativa.

É assim que vão se formando os “escravos do amor” (V 11,1), bela frase teresiana que exprime o paradoxo da mística cristã, em que a liberdade libertada para amar torna-se escrava de um amor que liberta¹⁵.

5. Experiências que abrem espaços de liberdade interior e criam novos espaços de liberdade

Se Teresa convida a todos a cultivarem a *liberdade de espírito*, ela também nos relata como as suas experiências místicas mais misteriosas e profundas abrem verdadeiros espaços de liberdade. O sentido libertador da mística é inegável. A narrativa da aquisição da liberdade diante das coisas através da sua experiência de Cristo chega a impressionar o leitor. Remetemos ao *Livro da Vida*:

Bendito seja Deus para sempre, por me ter dado num minuto a liberdade que eu, com toda sorte de diligências, não tinha podido alcançar em muitos anos, mesmo fazendo algumas vezes tão grande esforço, que até prejudicava a saúde. Como foi obra daquele que é poderoso e Senhor verdadeiro de tudo, não me causou pena alguma. (V 24,8)¹⁶

A liberdade de Teresa cresce em relação a coisas, a pessoas¹⁷, a circunstâncias e em relação a si mesma. Culmina na liberdade diante da morte e na opção pelo serviço

¹⁵ Cf. as cartas de São Paulo aos Gálatas 5,1 e aos Filipenses 1,1.

¹⁶ Ver também V 20,23

¹⁷ Cf. V 34,3, que narra a liberdade de Teresa diante de senhoras importantes da sociedade.

aos demais. A obra *Castelo Interior ou Moradas* é a que melhor representa esta última experiência¹⁸.

A fonte mística, Deus, é liberdade que gera liberdade e amor. Por isso, esta liberdade interna não demorará em mostrar seu alcance comunitário, social e mesmo político. Em se tratando do século XVI, Teresa explorou os limites a que uma mulher poderia chegar, em seu tempo, em vários âmbitos: como escritora, fundadora e mestra da oração. Sua liberdade e sua capacidade de amor a levaram a criar comunidades chamadas a superar as imposições de riqueza e honra. Sua humanidade e comunicabilidade questionaram os padrões de santidade de então. Seu círculo de relações mostra até onde chega o raio de seu amor.

A modo de conclusão

Procuraremos sintetizar os principais pontos deste estudo, a modo de conclusão.

1. A reflexão teológica da tradição judeu-cristã inter-relaciona liberdade e amor. A liberdade é uma das principais características da constituição da pessoa e se desenvolve *nas* relações, não *apesar* ou *se defendendo* das relações (consigo próprio, com os demais, com o mundo e com Deus). Assim, a liberdade humana é entendida em conexão com uma subjetividade aberta. Neste referencial, a liberdade é compreendida como exigência para a humanização; ao contrário, a subjetividade fechada é compreendida como desumanização.
2. A vida e obra de Santa Teresa apresentam admirável integração entre liberdade e amor. De forma especial, no *Livro da Vida* é possível acompanhar o crescimento da liberdade de Teresa, como um processo. Há passagem da desconfiança e mesmo medo da liberdade a uma existência em liberdade.
3. A liberdade se mostra como aventura que acontece no nível profundo. Exige discernimento e construção da vida através de relações múltiplas. Dentre elas, a experiência do mistério de Deus, ou vida mística, situa-se como fundamental.
4. A pedagogia teresiana da experiência de Deus, na oração, integra três disposições: a *liberdade de espírito*, a determinação e a alegria. A *liberdade do espírito* impede que a determinação se transforme em voluntarismo, permite a percepção da gratuidade da amizade com Deus e possibilita a prática do discernimento. A alegria, por sua vez, trabalha como elemento de expansão do

¹⁸ Especialmente as *Sétimas Moradas*.

espírito e do desejo místico. Juntas, as três disposições constituem um singular dinamismo da mística teresiana.

5. A narrativa das experiências místicas mais misteriosas e profundas de Santa Teresa revela um crescimento da liberdade diante de si mesma, das coisas, das pessoas e das circunstâncias. A liberdade diante da morte, em prol do amor aos demais, é a última a ser adquirida.
6. A liberdade teresiana irradia na construção de espaços de liberdade, especialmente para as mulheres, e alarga os limites dos condicionamentos eclesiais e culturais de seu tempo. Liberdade e amor são fundamentalmente generativos.

Finalmente, podemos dizer que, como todo relato testemunhal, a intencionalidade teresiana é de atingir o leitor em seu coração, em sua capacidade de ser livre e de amar. Por isso, quem a lê, hoje, pode ir para além de uma estética literária superficial e superar um mero interesse pelas coisas do passado. O/a leitor/a pode fazer de Teresa uma janela para sua própria vida, para o seu crescimento em amor e liberdade.

Os horizontes culturais da modernidade e da pós-modernidade trazem exigências de maior liberdade, ao mesmo tempo em que revelam forte consciência do poder destrutivo que a mesma liberdade pode gerar. A atual busca por espiritualidade parece permeável às intuições da mística, que relaciona liberdade e amor. A renovação dos estudos teresianos e a busca da experiência do mistério de Deus, tendo Teresa como mestra, revelam esta permeabilidade cultural à mística. Por outro lado, o medo da liberdade permanece, hoje, em não poucos círculos familiares, eclesiais e sociais, como ameaça. Teresa reafirma que a liberdade não é ameaça, mas um dever que quem busca a humanização, tanto pessoal quanto eclesial e cultural. A liberdade interior profunda é geradora de consistência humana, de desapego do que escraviza. Ela é fonte de paz e de perdão e abre caminhos de amor concreto. Por isso, se integra com a liberdade exterior, que se manifesta em âmbitos como o eclesial e o político, e que estabelece as bases para transformação das tantas escravidões que assolam nossas sociedades e culturas. A mística teresiana, ao mostrar como a liberdade e o amor caminham juntos, tem algo a dizer aos nossos contemporâneos.